

---

## AS NATUREZAS DO PESCADOR

JACQUES LABERGE

Psicólogo, Fundação Josué de Castro, Recife

**FERRENHA FIDELIDADE**  
à pesca, saborosa gargalhada, gosto pela vida e por um gole de cachaça, cabe ao velho



pescador Bambão, de Itapissuma-PE, iniciar estas anotações. A incompreensível pergunta sobre a psicologia do pescador, ele respondeu à altura com a enigmática frase: *"pescadô num tá com muitas natureza"*. Feliz por causar perplexidade, fez esperar pela explicação: *"num tá com muitas natureza, porque num tem natureza diferente do agricultô, do operário"*. A tentativa de delinear um perfil do pescador, o do Nordeste em particular, esbarra na sua recusa de ser considerado um bicho raro. *"Há os violentos e*

os calmos em toda classe de gente”, afirma sabiamente Luiz, colega de Bambão, afirmação que poderia endossar Lévi-Strauss em sua concepção estruturalista: a violência e a calma, como par de oposições, sustentam a humanidade.

Perguntar ao pescador artesanal do Nordeste sobre sua psicologia pode ser sentido por ele como tentativa de enquadramento. Para que ser objeto de curiosidade se o nível de vida não melhora?

Os psicólogos falam de psicologia da infância, da adolescência, do homem, da mulher.

Os psicanalistas desconfiam destas sínteses abrangentes e acham mais próximo à verdade destacar traços característicos das diversas “doenças psíquicas” partilhadas pelos seres humanos:

- protelamento de decisões, rituais de ordem e limpeza para aplacar a culpa frente ao próprio desejo assassino, na neurose obsessiva;
- recusa da sexualidade que se converte em doenças físicas, na histeria;
- mania de grandeza e de perseguição, na paranóia;
- desligamento do mundo, desorganização do discurso, na esquizofrenia;
- fetichismo, sadismo, masoquismo, homossexualismo, opções variáveis daqueles que querem manter como certa, a percepção de que a mãe também tem pênis.

A psicanálise fala também de fixações orais determinantes para oradores e cantadores, e sua falta de sublimação no alcoolismo; de fixações anais fortes, apimentadas de sadismo, para médicos, cirurgiões, educadores, dentistas, banqueiros e bancários, fixações cujo sadismo é mais exaltado em geral nos policiais e nos representantes de seus impulsos descontrolados e sem freios que são os criminosos.

Poder-se-á falar de alguma “psicologia do pescador”, ou de certos traços psíquicos típicos?

Parte das anotações que possibilitaram este trabalho se inspirou

em conversas com pescadores artesanais do Nordeste, outra parte em relatórios e boletins da Pastoral dos Pescadores, um dos poucos apoios para sua luta durante os 22 anos de regime militar no Brasil. Uma terceira fonte de informações foi a leitura de textos sobre os pescadores do Nordeste: *Lendas vivas do mar*, de Hélio Albuquerque Melo (Recife, Imprensa Oficial, 1963); *Jangada* de Luís Câmara Cascudo (Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964).

Uma quarta contribuição foi fornecida por três grandes romances sobre a pesca e o pescador: um brasileiro e dois americanos: *Mar Morto*, escrito em 1936 por Jorge Amado (Rio de Janeiro, Record, 1982); *O Velho e o Mar*, de Hemmingway (*The Old Man and the Sea*, London, Jonathan Cape, 1952); e o clássico de setecentas páginas editado pela Abril em 1972, obra-prima de Herman Melville, publicada nos Estados Unidos da América em 1851: *Moby Dick*.

As referências psicanalíticas provêm das *Obras Completas* de Sigmund Freud nos seus XXIII volumes publicados na Edição Standard Brasileira (Rio de Janeiro, Imago Editora).

### Retrato e Auto-Retrato

Se, num primeiro momento, os pescadores do Nordeste são levados a negar suas diferenças com outros grupos, num segundo momento, eles destacam suas características próprias. As mais repetidas por eles podem delinear um certo retrato sócio-psicológico do pescador:

- não tem essa agitação que outra pessoa tem;
- vive incerto quanto ao fruto de seu trabalho;
- é mais individualista que o agricultor, tem um olhão e, no mar, engana até o próprio pai;
- não tem horário para nada: os planetas são seu relógio;
- vida mais perigosa e aventureira (tempestades, peixes ameaçadores);
- o sol causticante e seu reflexo na água e a salinidade fazem-no envelhecer mais depressa e causam cegueira;

- é mais livre e dono de si, enquanto o operário é vigiado;
- ele é mais artista, mais sabido, faz trabalhar os “miolos, mais que o agricultor”.

Os pescadores insistem em se valorizar e explicitar, com outras afirmações, suas vantagens sobre o operário e o agricultor, sua vida é mais “cansada” e “perigosa”. “Sabe que vai ao alto-mar, mas não sabe se volta, como aquele que vai à guerra, as mulheres chorando”. “É uma vida mais perigosa, mais pesada, mais complicada”. “O pescador é um aventureiro. O agricultor tem um futuro, tem um sítio. O pescador tem embarcação, mas é como se não fosse dele. Tem SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca), a Capitania dos Portos, e tem a tempestade. Bate numa pedra e perde a vida”. “Se trabalha dentro da lama, tem o anequim! que fura e aleja. O mutucuta, num minuto, dá vinte a trinta talhos numa pessoa, pega, ‘tora’ com o dente. Tem também o muxaquim: queima. O sujeito bota até fezes pela boca. Bota sangue pela boca. A ostra corta os pés e os braços. A arraia, quando não mata, aleija”. “O pescador é mais bravo, mais herói. Enfrenta os tubarões, os cações”.

Vida mais perigosa que faz do seu protagonista um ser mais sabido, como o ilustram as seguintes declarações: “O agricultor não faz trabalhar tanto os ‘miolos’ da cabeça. Planta, se o tempo é bom, tá feliz. O pescador tem que pensar, estudar”. “Pescador é mais grande artista. Ele tem mais experiência”. “Meu pai era o melhor pescador. Ele diz sem ver: quinta-feira, tem cardume de peixe aqui. Domingo, tem cardume de peixe ali. Ele, com dez anos, ele jogava pedra e sabia onde dava peixe.”

Certos pescadores insistem muito em se caracterizar como pessoas livres: “Operário já é marcado do Mestre e do contramestre. Pescadô, ninguém vigia ele”. “Mas quem pesca embarcado é operário”. “Pescadô não tem espião e operário tem espião. Pescadô só tem Deus pra espiá. Dono de usina diz ao operário: pago cem mil ao advogado e quinhentos cruzeiros a você”.

“Deixei de ser polícia, deixei de ser cozinheiro, deixei de ser cobrador de ônibus, deixei de ser garçom de restaurante, me sinto muito feliz porque sou livre, individual; não tenho fiscalização”.

Corajoso como herói de guerra, mais livre que o operário, a polícia, o cozinheiro, o cobrador de ônibus, o garçom de restaurante, mais sabido e artista que o agricultor, o pescador é o melhor. Isto é, toda a apresentação do mar, das águas, do peixe como ameaça e perigo, como mistério a perscrutar, como arte à disposição do artista tem um objetivo: mostrar quão valoroso é o pescador, quão interessante é seu trabalho. Tanto mais perigoso, quanto mais interessante. A aproximação do perigo, perigo de morte afinal, é algo que o pescador costuma associar à sua profissão. Se o desejo mais forte é o desejo de morte, segundo o ensino de Sócrates, quem se acharia, pelo seu trabalho, mais próximo deste desejo, poder-se-ia considerar curiosamente, um privilegiado.

Contrapor o retrato que o pescador faz de si com o retrato feito por outros pode ser agora algo sugestivo.

Armandino Reis, capataz da Capitania dos Portos, deu uma declaração publicada no jornal *O Globo* de 24-12-1978 a respeito dos pescadores de Goiana-PE: “Toda vida, o rio foi poluído. Eles não querem estudar. Temos Mobral, mas eles não querem. Se não estudam, deviam mudar-se para outro lugar, porque não é só em Goiana que existe peixe. Mas, esse povo é assim mesmo. Muitos deles nem conhecem o Recife, é só da porta de casa para o rio”. Esta posição tão obtusa ilustra bem a mentalidade de representante da dominação, num exemplo típico de preconceito de classe.

Outro ponto de vista nos vem da Pastoral dos Pescadores que reconhece (ver a Assembléia de 01 a 04 de abril de 1978) não escapar à mentalidade dominadora, o que já demonstra capacidade de autocrítica. Em seus relatórios de experiências entre pescadores, a Pastoral sublinha assim suas características: fatalismo e indolência, desconfiança e desilusão, alcoolismo, individualismo, liberdade duvidosa, persistência no trabalho.

“Em todas as praias do nosso imenso litoral”, afirma-se no Boletim *O Leme* de junho de 1977, destacam-se “desvalorização, desilusão, acomodação, exploração”. Por isso, o objetivo da Pastoral é “despertar o valor da pessoa humana”, “colocar o pescador de pé”, “torná-lo gente,

responsável e sem medo". Se o objetivo não deixa de esconder seu lado "dominação", ele parte de uma constatação que denuncia: é a marginalização, opressão do pescador que o mutilou. Estes relatórios também insistem em cobrar que todos os programas do governo para a pesca sejam elaborados a partir da sabedoria, experiência e interesses dos próprios pescadores, fazendo deles agentes de sua própria promoção.

Sugestiva é a diferença entre o auto-retrato e o retrato pelos outros. Inevitável enquanto, de um lado, o narcisismo encoraja a exaltação própria e, por outro lado, a rivalidade alimenta a desvalorização do outro. De qualquer maneira, o olhar sobre si diverge do olhar do outro sobre si, tendo cada um sua subjetividade. Além do mais, o olhar sobre si se distancia também do falar sobre si. O olhar quer ver certas coisas e não outras, além de se enganar constantemente, pois o ser humano não é transparente, muito menos seu psiquismo. A verdade acaba ficando escondida, deslizante, em grande parte, aliás, inconsciente. Quanto ao falar sobre si, caracteriza-se habitualmente por uma conotação publicitária, como que para exaltar as qualidades irresistíveis de um produto cujos efeitos colaterais nem são mencionados evidentemente. É certo que a fala-propaganda, num dado momento de crise, chega a seu limite e se esvazia: surge o momento da verdade. Estoura a bolha alimentada pelo narcisismo e pela luta de prestígio. Por outro lado, nem sempre é fácil discernir a respeito do narcisismo como dado fundamental de todo ser humano, até que ponto seu objeto de amor é o que a própria pessoa é, ou foi, ou gostaria de ser. (Ver: *Introdução ao narcisismo* de Freud, no volume XIV de suas *Obras Completas*, *op.cit.*, p.107). O pescador fala de si como é, como foi, ou como gostaria de ser? Por outro lado, não se pode esquecer a importância do narcisismo como instrumento de defesa contra a agressividade desvalorizadora dos outros.

## Essa Agitação não Tem

Se os pescadores encontram, em reação narcísica, motivos para elogiar uma profissão mais livre, mais perigosa e mais sabida, eles destacam uma característica questionada por alguns, porém considerada pela maioria como a mais diferenciadora: "essa agitação não tem". Frente às demais pessoas obrigadas ao corre-corre, à gritaria, à pressa, à confusão, ao trânsito, eles se contrapõem com um trabalho e um jeito de ser, fora da agitação.

Em *Jangada*, Câmara Cascudo faz uma observação importante sobre a questão, chamando o pescador de "profissional do silêncio": "o jangadeiro deve ser silencioso no meio da musicalidade selvagem do mar. É o único trabalhador que não pode conversar, nem cantar enquanto leva sua tarefa" (*op.cit.* p.18). "O ressoar da voz humana afugenta o peixe" (*op.cit.* p.19). O pescador reflete o silêncio das águas. Mas, além dos imperativos do trabalho, uma cumplicidade silenciosa perpassa o ser do pescador e o murmúrio calado das águas.

Sublinhando um outro aspecto, no início do seu *Moby Dick*, Melville fala do mar como remédio para a agressividade, para "pistola carregada", inclusive quando esta pistola é dirigida contra si próprio na hipocondria e vontade de morrer (*op.cit.* p.25).

Chuva e água, sol e água, noite e água. Pode faltar o peixe, pode romper a rede, mas nunca este contato direto com a natureza: sol - chuva - noite - água. A água, sempre a água. Que influência tem sobre uma pessoa dez, vinte, trinta, quarenta anos de sol causticante, implacável, de silêncio da noite, de contato constante com esta água misteriosa, detentora de sua sobrevivência? Para uma pessoa agitada, nervosa, recomenda-se um remédio tranquilizador: as águas, o mar. A mistura do sol e da água produz uma descontração, um repouso, e com algumas horas, uma confortável moleza. Que dizer então dos efeitos de anos e mais anos deste tratamento em dose excessiva? Que dizer do balanço rítmico das ondas do mar e de seu efeito suporífico? Condições mais do que suficientes para causar esta "não agitação" que os outros chamam de indolência, quando não de passivi-

dade ou preguiça. Remédio para perturbação, descontrolo para agressividade e, quando esta erra o alvo, para depressão, as águas apaziguam, amolecem. Por isso, o rival desta classe conclui que o pescador é preguiçoso, enquanto ele mesmo vivencia estas condições para chegar à conclusão de *"tem muito mais tranquilidade"*, característica que o destaca e o coloca superior aos demais.

Tranquilidade, silêncio, não-agitação diferenciam o pescador e o afastam dos outros seres humanos. Esta identificação com o silêncio das águas o retrai da convivência quando volta a terra. Augusto, pescador do Pina-Recife, afirma:

*"O pescador é desconfiado como o índio. Por isso, fica muito difícil os primeiros contatos. Ele é diferente porque o mar, o horário, o tipo de trabalho o afasta muito das pessoas."*

Este afastamento feito de uma não-agitação diferenciadora ultrapassa a compreensão do comportamento. Com efeito, as águas não são simplesmente as águas, tanto elas quanto seus habitantes são perpassados por constantes e complexos simbolismos e personificações.

## Um Simbolismo

Várias tradições em mitos e lendas, histórias e poesias veiculam as Simbologias das águas.

A tradição afro-brasileira dá sua interpretação própria. *Mar Morto*, o romance de Jorge Amado sobre a vida do pescador, lembra que *"difícilmente um homem da terra entende o coração dos marinheiros"* (op.cit. p.9), que nascem e morrem no mar. O título: *Mar Morto* alia mar e morte, tema que inicia, percorre e termina o romance com a *"tempestade que derrubava os navios e matava os homens"* (op.cit. p.13). *"Iemanjá é a mãe d'água"*, *"é a dona do mar"*, *"e por isso todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam"*. *"Para ver a mãe d'água, muitos já se jogaram no mar sorrindo e não mais apareceram. Será que ela dorme com todos eles no fundo das águas?"* (op.cit. p.21). *"Iemanjá é*

*assim terrível porque ela é mãe e esposa. Aquelas águas nasceram-lhe no dia em que seu filho a possuiu"* (op.cit. p.71). Jorge Amado lembra que de Aganju, deus da terra firme, Iemanjá teve um filho, Orungá, deus dos ares.

*"O pensamento de Orungá não se desligava da imagem da mãe, aquela bela rainha das águas. Ela era mais bonita que todas, e os desejos dele eram todos para ela. E um dia, não resistiu e a violentou. Iemanjá fugiu, e na fuga, seus seios se romperam e assim, surgiram as águas, e também essa Bahia de todos os Santos. E do seu ventre fecundado pelo filho, nasceram os Orixás mais temidos, aqueles que mandam nos raios, nas tempestades e nos trovões. Assim Iemanjá é mãe e esposa. Ela ama os homens do mar como mãe, enquanto eles vivem e sofrem. Mas no dia em que morrem, é como se eles fossem seu filho Orungá, cheio de desejos, querendo seu corpo."* (op.cit. p.7)

Esta lenda de Iemanjá destaca a personificação da água na figura da mãe amada e temida. As próprias águas são o produto da relação incestuosa, o filho não resistindo ao encanto da beleza materna. É interessante notar que Guma, herói de *Mar Morto*, ao se encontrar com a mãe desconhecida e esquecida, a deseja mais como mulher do que a reconhece como mãe. Confunde-a com as mulheres do cais. E é nesse contexto que torna todo seu valor o refrão de Dorival Caymmi: *"O pescador tem dois amores, um bem na terra, um bem no mar"*.

Poder-se-ia perguntar que tipo de mãe seria posta em relevo pelas águas. Efetivamente, cada sujeito pescador pode projetar sobre elas fantasias, imagens, conforme sua singularidade e vivência. Mãe fálica, "mulher-macho sim senhor", mãe dominadora que impõe seu desejo a todo custo, mãe anal sempre de plantão, controladora da ordem e limpeza, mãe oral, boa, amamentadora, que alimenta com seus frutos do mar.

A simbologia das lendas, dos mitos, do folclore, dos sonhos, evidencia um outro aspecto da mãe. O mar, as águas põem em relevo a mãe da gravidez e do parto. Como o mar, a mãe guarda nas "águas" de seu ventre, seu precioso tesouro. A mãe deixa cair na praia da vida, seu filho nascendo. Fantasias e sonhos sobre água e peixe remetem à gravidez, ao útero, ao parto. Em seu texto *Sonhos e telepatia*,

Freud lembra que as ondas do mar com suas arremetidas e seus recuos são o símbolo das dores intermitentes do parto e que resgatar das águas é associado ao nascimento (*op.cit.* XIII, p.256). A filha do Faraó colhendo Moisés numa cesta no rio revela assim ser mãe dele, um tipo especial de escolha de objeto (*op.cit.* XI, p.157). Quando Akki recolhe também numa cesta no rio, o recém-nascido Sargão, que será fundador da Babilônia, declara assim sua posição de pai. Representação inequívoca do nascimento, afirma Freud em seu *Moisés e o Monoteísmo*: "o cesto é o útero, e a água é o líquido amniótico" (*op.cit.* XXIII, p.23). Esta simbologia, por inconsciente que seja, por desconhecida que seja para o pescador, não deixa de atravessar, de sustentar sua vida do dia-a-dia. Desejos, motivações e fantasias inconscientes, mesmo que negadas, são absolutamente determinantes do ser e agir humanos.

A partir desta mãe-água, mãe da gravidez e do parto, duas características do pescador tomam sentido novo: o silêncio e o individualismo - rivalidade. Se o pescador é silencioso, não é somente pelo costume de não afugentar os peixes, mas pela convivência com a mãe - água que entende em silenciosa empatia. Esta comunicação silenciosa revive e relembra a sintonia corporal com a mãe, sem a fala, da vida uterina.

Esta simbologia é universal e não particular ao pescador. É a convivência com as águas que destaca estes símbolos para ele, e assim o privilegia. O mesmo está em confronto diário com eles, embora a história, a vivência de cada sujeito, diferencia um pescador de seu colega.

Quanto à questão individualismo-rivalidade, qualquer criança nos ensina que basta um objeto pertencer a seu irmão para cobiçá-lo e brigar por ele. Receber objeto semelhante não resolve necessariamente o problema: deseja-se o objeto do outro. Os pescadores reconhecem como exacerbado seu individualismo e excessiva sua rivalidade com os demais. Poucas ocupações representam tanto este contato direto com a mãe simbolizada nas águas. A proximidade diária com a mãe-água levaria um pescador a não deixar ninguém

se aproximar da mãe que julga exclusivamente sua. Defendendo seu lugar junto à mãe, ele identifica o peixe ora consigo mesmo, ora com seu rival. Identificado ao peixe, ele revive inconscientemente sua ligação uterina com a mãe. Identificando seu rival ao peixe, ele tenta retirá-lo do ventre das águas. isto é, a exacerbação da rivalidade do pescador seria uma antecipação. O destaque dos significantes útero, gravidez, parto, presentes inconscientemente, reforçaria a rivalidade que o ventre avolumado da mãe desperta no filho ameaçado pela chegada próxima do novo caçula.

### Peixe — Irmão

O peixe meu irmão é um dos temas principais de Hemmingway. Seu livro *O Velho e o Mar* (*The old man and the Sea*, London, Jonatham Cape, 1952-54) conta a história da tenacidade e persistência do pescador Santiago, que passou oitenta e quatro dias sem pegar um peixe. Após os primeiros quarenta dias infrutíferos, seu ajudante, um menino, foi chamado pelos pais que, desanimados, o transferiram para embarcação menos azarenta. "*Tudo no pescador estava velho*", "*menos seus olhos cor do mar*", "*nunca vencidos*" (*op.cit.* p.06). Esta qualidade de persistência é salientada pelos comentários sobre as conversas dos pescadores do Nordeste.

Persistência quanto mais notável que a história de Hemmingway, representativa da do pescador em geral, é uma história de perda. O velho lamenta, em refrão saudoso, a perda do menino: "*se o menino estivesse aqui!*" A falta do menino é consequência da própria falta do peixe. Na volta da esgotante viagem, seu troféu ilustra a própria perda.

Santiago coloca seu ideal em Joe Di Maggio e sonha com o campeonato de beisebol para seu time, os Yankees de New York. Quando realiza façanhas em suas pescas, ele pensa merecer a admiração de Di Maggio, cujo pai teria sido um pobre pescador (*op.cit.* p.13; 18 e 97).

O mar não é personagem principal do romance, mas sim o pescador e o peixe. Se os jovens pescadores falam do mar como inimigo,

ele fala dele como feminino: "o mar é afetado pela Lua como a mulher" (op.cit. p.26).

Um belo dia, Santiago pega um peixe tão grande que arrasta seu barco mar adentro. Trava-se então uma luta de vida e morte entre peixe e pescador, luta de persistência atravessada de amor, admiração e respeito pelo peixe identificado a um irmão.

*"Peixe, eu te amo e respeito muito" (op.cit. p.52). "Os peixes não são tão inteligentes quanto nós que os matamos: embora sejam mais nobres e mais capazes" (op.cit. p.61). "O peixe é meu irmão também... mas devo matá-lo. É bom que não tenha que tentar matar o Sol e a Lua ou as estrelas. É bastante viver no mar e matar nossos verdadeiros irmãos" (op.cit. p.74). "Peixe, você tem que morrer de qualquer jeito. Você têm também que me matar?" (op.cit. p.91). "Você está me matando, peixe... Nunca tinha visto uma coisa maior, mais bonita, mais calma, ou mais nobre do que você, meu irmão. Venha e mate-me. Não me preocupo com quem mata quem" (op.cit. p.92). "Então, o peixe veio vivo, com toda sua morte em si, levantou-se fora da água mostrando toda sua largura e todo seu comprimento e todo seu poder e sua beleza" (op.cit. p.93). "Sou um homem cansado. Mas eu matei o peixe que é meu irmão" (op.cit. p.94). "Com sua boca fechada e sua cauda oscilando rígida, navegamos como irmãos." (op.cit. p.99)*

Com a morte do peixe-irmão, surge a culpa: "Talvez tivesse sido pecado matar o peixe". "Você o amou vivo e agora o ama depois. Se o ama, não é pecado matá-lo. Ou é mais ainda?" (op.cit. p.105).

Para semelhante pecado, castigo. Derrotado pelos tubarões que devoram o peixe, Santiago chega à praia com seu barco arrastando uma carcaça. "Arruinei nós dois" (op.cit. p.116), conclui desolado o pescador. A perda é o único troféu desta estafante viagem. O velho e o mar é a própria metáfora da perda. À falta de peixe dos oitenta dias seguidos, que marca o início da história, responde no fim o ganho maravilhoso, ilusório transformado numa dramática perda. Nada no início, nada no fim. Ao término da estafante viagem da vida, só fica a carcaça mesmo. É somente na fantasia que se tem as coisas. Santiago, vencido como o peixe-irmão, volta para casa sonhando com os leões. Se não se consegue pescar na realidade, pode-se continuar seguir caçar em sonhos.

Mas, para que capturar o irmão, vencê-lo, matá-lo? Para eliminar o rival na posse da mãe.

## Mãe — Mulher

O mito de Iemanjá trazido por Jorge Amado destaca que Iemanjá é mãe e mulher do filho. As águas do mar surgiram do seu peito no dia da consumação do incesto. Mais bonita do que todas as mulheres, ela atrai todos os desejos de seu filho. Assim é mãe dos pescadores enquanto vivem e mulher quando morrem, associando incesto e morte.

O mito de Iemanjá retoma o mito universal do incesto. A mãe, primeira escolha como objeto de amor. Se a psicanálise formalizou o complexo de Édipo, ela não o inventou mas o recolheu da tragédia antiga. É Sófocles que conta como Édipo, sem saber, mata o pai e acaba casando com a mãe. Otto Rank lembra que a literatura, o teatro, a poesia de todos os tempos, com inúmeras variações e disfarces, centraliza seu interesse em torno do tema do incesto. O enciclopedista Diderot, muito antes de Freud, escreve em seu romance *O sobrinho de Rameau*, de 1762:

*"Se o pequeno selvagem fosse abandonado a si mesmo, mantendo toda a sua loucura, e juntasse ao pouco de discernimento de uma criança de berço as violentas paixões do homem de trinta anos, ele estrangularia seu pai e se deitaria com sua mãe."*

Quantas formas de expressão do mito universal do incesto! Sonhos claros ou disfarçados de relação sexual com a mãe, escolha de objetos amorosos com características maternas, problemas de impotência ligados a fixações incestuosas, fobias como representação de desejos incestuosos e de medo da vingança paterna. Esta revelação do complexo de Édipo, como estruturante da psique de todo ser humano, foi, segundo afirma Freud, "recebida com ceticismo geral pelos adultos e pelas pessoas normais", por ferir "os sentimentos mais sagrados da humanidade", sendo a rejeição do mito uma "aversão que os seres hu-

manos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos hoje dominados pelo recalque". (Podemos verificar nas obras de Freud da Edição Standard Brasileira, *op.cit.*, as seguintes referências: *Totem e tabu*, XII, pp.36 e 156; *Leonardo da Vinci*, XI, p.92; *Um tipo especial de escolha de objeto*, XI, 152; *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, XI, p.164; *Conferências Introdutórias*, XV, p.249 e 394; *Um estudo autobiográfico*, XX, p.50; *A questão da análise leiga*, XX, p.243).

Para o pescador de Jorge Amado, a ligação mãe-mulher é direta. Iemanjá, mãe das águas, é a mais atraente das mulheres. E a mãe de Guma é para ele a mais sensual dentre elas.

Ir mar adentro é tarefa do pescador homem. Há algo macho que acompanha esta ida do pescador, esta entrada no mar, enquanto que as mulheres pescadoras são marisqueiras, isto é, colhem nos mangues, ostras e sururus, siris e caranguejos. Penetrando nas águas, o pescador rivaliza com seus colegas. Enfrenta todos os desafios para este encontro idealizado com as águas, de onde recolherá os melhores e maiores frutos. As famosas histórias inverossímeis sobre o maior peixe do mundo ilustram a impressão de ser ou desejar ser o maior numa satisfação narcísica, fálica em relação a um fruto obtido em seu encontro íntimo com a mãe-mulher-água de quem o pescador é o companheiro privilegiado. A fantasia incestuosa que perpassa o ser humano e o marca encontra na vida do pescador um vasto campo que a renova constantemente e a sublima, na tranqüilidade, no frémito, ou no reboiço das ondas.

### Aspecto Mortífero

O mito de Iemanjá destaca algo que a psicanálise lembra: o aspecto mortífero do incesto. Iemanjá é mãe na vida do pescador e mulher na sua morte. O incesto é mortífero enquanto não leva à vida, ao futuro, mas ao passado associado ao possuir a mãe, a não se desligar dela. Viver só de passado, isto é, só da mãe, é não acreditar na vida. "Antigamente" não era assim, repetem os mundanos do passado. Isto é, no passado, quando se possuía a mãe, tudo era melhor.

Se a marca da morte atravessa todo sujeito humano conforme a divisão freudiana, pulsão de vida — pulsão de morte, haveria uma expressão particular desta divisão na relação incestuosa-mortífera enquanto impediria a busca de outras relações. Havendo a perpétua presença materna, não haveria nem necessidade de chamá-la, e menos ainda de chamar outras pessoas. Algo desta ordem seria representado pelo silêncio do pescador, não que ele fosse realmente mais incestuoso do que os demais seres humanos, porém a sua convivência direta com a mãe-água seria uma representação desta presença que não precisa de palavra.

A impressão de ser o melhor não é baseada simplesmente no tipo de trabalho, na maior esperteza, no aspecto de bravura guerreando contra tempestades e peixes, na liberdade maior, mas nesta comunicação silenciosa, nesta cumplicidade com a mãe-água, pois é sempre diante dela que ele é o melhor, é sempre em contato com ela que ele prova sua bravura-esperteza-liberdade. É a mãe-água, a testemunha número um da suposta superioridade do pescador sobre os demais, os irmãos rivais simbolizados nesses peixes "caçados", vencidos. Se mais do que qualquer outro homem, o pescador é próximo da mãe-água, será mais rival, mais individualista. Ele é o preferido dela. Ele sabe e o manifesta. E se ele se afasta dos demais é por viver e para viver mais perto dela. Movimentos, relacionamentos, barulhos lhes parecem sem interesse, sem sabor, comparados com este contato único, insubstituível com a mãe-mulher-água-natureza.

A impressão de ser o melhor seria ligada fundamentalmente a esta aproximação-comunicação singular com a mãe-água, e com o perigo de morte que ela representa. Em suas conversas, os pescadores se valorizam pela convivência com o perigo de morte, Jorge Amado faz uma estreita ligação entre o mar e a morte, já a partir do título *Mar Morto*, e mostra como o destino do canoieiro é "virar no mar" (*op.cit.* p.27), um mar que mata, destino que seu herói Guma segue a risca, impulsionado por seus desejos incestuosos.

É o romance de Melville, *Moby Dick*, que dá a este aspecto mortífero do mar uma conotação especialmente carregada. Este livro



conta a história do cachalote branco que personificava "todos os sutis demônios da vida e do pensamento, todo o mal" (op.cit. p.229). Já derrubava botes e até conseguira, "com clara premeditação, rebentar, destruir completamente e afundar um grande navio" (op.cit. p.255). Representa perfeitamente o mar que tem colhido indiscriminadamente "dezenas e centenas de milhares de pessoas em suas embarcações" e que "até a consumação dos séculos", "matará" (op.cit. p.336). O capitão Acab passou quarenta anos de sua vida (op.cit. p.631) em função deste "monstro assassino" (op.cit. p.222), que lhe amputou uma perna. Jurando "violência e vingança" (op.cit. p.222), perseguiu o animal enfrentando os maiores perigos. O furor da perseguição ao "grande demônio deslizando dos mares da vida" (op.cit. p.232), de "tamanho e malignidade invulgares que tem inesgotável sede de sangue humano" (op.cit. p.222), acaba identificando Acab à sua caça: "Mais um demônio do que um homem" (op.cit. p.631).

O animal é significativo do próprio mar, esta "perene terra incógnita". "O mar não é apenas um tremendo inimigo do homem", "mas um demônio para sua própria prole, pior do que o anfitrião persa que assassinou seus próprios convidados". "Insídia do mar, cujas mais temidas criaturas se movem debaixo da água, geralmente invisíveis, traiçoeiramente ocultas sob os mais encantadores matizes do azul ...". "Como este pavoroso oceano rodeia a terra verdejante, assim também na alma do homem jaz uma Taiti insular, cheia de paz e de alegria, mas cercada por todos os horrores da existência semi-conhecida. — Deus te guarde! Não desatraques dessa ilha, não podes voltar mais!" (op.cit. p.337). "Contemplando a tranqüila beleza e magnificência da pele do oceano, a gente esquece o coração de tigre que palpita debaixo dele ..." (op.cit. p.595). O autor associa de início "sonho e mar", "meditação e água", dizendo também que toda andança termina infalivelmente na água, e lembra Narciso que nela se afogou. O ponto de partida da expedição da pesca da baleia é o estaleiro Peter Coffin, cujo sobrenome significa caixão. A fabricação de caixão era, aliás, uma das atividades prediletas do carpinteiro do navio.

É somente na sétima e última parte deste romance de setecentas páginas que aparece o "monstro assassino". "Acab parecia ter acochado

seu inimigo até um retiro oceânico, para matá-lo com maior segurança ali" (op.cit. p.621), mas no fim de três dias de luta, Moby Dick sepultou navio e tripulação, deixando Ismael como único sobrevivente para contar a história. No fim, "tudo se fecha e a grande mortalha das águas continuou a ondular como já ondulava cinco mil anos antes" (op.cit. p.667).

Com esta história de pescador, Melville visa contestar o puritanismo ianque e o otimismo ingênuo da era vitoriana, mostrando "o triunfo do mal" que desloca o homem do centro dos acontecimentos, substituindo-o pelas forças misteriosas e traiçoeiras do mar. Este deslocamento anuncia Freud que, com a descoberta do inconsciente, desloca o eu de sua pretensa posição central na psique humana.

Não se sabe se o mar é pior do que o cachalote. Sabemos que o monstro representa o próprio mar traiçoeiro e mortífero.

O cachalote desperta admiração. A fragmentação de seu imenso corpo dissecado pelas minuciosas análises do autor provoca elogios: "a bolsa de âmbar gris" serve para perfumaria (op.cit. p.486), "o óleo e sua eficiência na limpeza" (op.cit. p.506), "a maravilhosa cisterna na vasta cabeça", "prodígio de sua queixada sem dobradiça" ... "Milagre de sua cauda simétrica" (op.cit. p.497). Maxilas, costelas, vértebras, completam o quadro admirativo, enquanto um estudo comparativo e exaustivo das duas cabeças, do cachalote e da baleia verdadeira (op.cit. p.400) favorecem novas exaltações literárias. Só falta endeusar a família desses animais; cabe à seita dos Shakers se encarregar desta tarefa, transformando o cachalote no deus encarnado (op.cit. p.381). É aliás praticamente eterno, semelhante a um Deus imortal; "nadava nos mares muito tempo antes que os continentes surgissem das águas (...), nadou outrora sobre o sítio onde se encontram as Tulherias, o castelo de Windsor e o Kremlin" (op.cit. p.545).

Porém, o motivo maior para se admirar o cachalote é seu poder. Sua onipotência é admirável e ao mesmo tempo fonte de ódio, porque, igual à sua grandeza e beleza, somente sua crueldade, sua incrível ferocidade, sua "inesgotável sede de sangue humano" (op.cit. p.222), a "diabólica indiferença com a qual Moby Dick feria seus inimigos" (op.cit. p.622). Eis o "demônio branco" (op.cit. p.573) a eliminar todos os rivais

para permanecer único dono do mar, tal o pai primevo, arbitrário, dono da mãe e de todas as mulheres. É significativo que Melville o chame "aquele velho bisavô" (op.cit. p.518), apelido bem adequado para este tipo de pai primevo, que ameaça de morte, de castração quem tomar conta do mar. Mas sua própria arbitrariedade provoca contra ele desejos de morte e Acab passa a vida inteira fantasiando, sonhando em matar a fera: "três picadas naquelas peles pagãs e as farpas do cachalote branco estavam temperadas" (op.cit. p.574). E, "em seu próprio sonho, seu grito retumbante atravessa o casco abobadado: todos à ré! O cachalote esguicha sangue espesso!" (op.cit. p.568).

Melville parece desvendar o perigo de morte sempre presente na vida da pesca e que as histórias e converses dos pescadores ilustram. O pescador imagina ser dono do mar, mas o mar é mais forte do que ele, e o mar já tem dono. E o dono ameaça de morte quem pretende se apoderar do mar, da mãe. Ousar a relação incestuosa é provocar a vingança imediata do "bisavô". Na primeira vez, Acab quis se mostrar o dono do mar, e Moby Dick amputou-lhe a perna. Na segunda vez, foi arrastado para as profundezas do mar. Ousou e morreu.

### Mãe-Pai-Irmão-Eu

Para Jorge Amado, era a própria relação incestuosa que era mortífera enquanto relação dual mar-pescador, mãe-filho, relação quase simbiótica. O quadro do romance é dominado pela figura da mãe-esposa-mar. Não existe ali pai proibidor, que se interpõe entre mãe e filho. E isso é ilustrado pelo fato de que Guma, herói de Mar Morto, não tem pai. Só tem mãe, a mais atraente das mulheres.

Se Melville descreve sobretudo a agressividade mortífera do mar é porque seu personagem principal não é o mar-mãe como em Jorge Amado, mas é o "monstro assassino", o "bisavô" "diabólico", que é a própria representação do pai. Não se trata, em *Moby Dick*, de uma morte como consequência de uma relação simbiótica mar-pescador-mãe-filho, como em *Mar Morto*, a própria simbiose sendo mortífera

Trata-se da morte causada por este terceiro elemento que se interpõe entre mar e pescador, entre mãe e filho. Se o mar é tão agressivo, é que serve sobretudo para ser o portador deste "demônio" que não aceita ninguém que pretenda ser dono do mar. O cachalote, este pai primevo, elimina os rivais. Isto é, Melville descreve uma morte real e cruel. Pelo fato de todo o seu livro girar ao redor do personagem que é o cachalote, ele acaba insistindo mais na figura de uma espécie de pai proibidor e conseqüentemente na morte simbólica que é a proibição do incesto, a separação entre mãe e filho, mar e pescador.

Hemingway sublinha outra perspectiva, a do mar como esconderijo do peixe nosso irmão.

E a conversa dos pescadores se diferencia das outras abordagens enquanto o mar, as águas servem para valorizar o narcisismo do próprio pescador.

Para todos, o mar é lugar de perda, de falta. Perda radical, risco de vida. Morte. Separação. Falta de peixe. Tanto Acab quanto Guma, tanto Santiago quanto o pescador artesanal se confrontam com a perda, com a falta. E se a profissão do pescador é assim tão especial é porque o risco de vida aumenta pela própria falta de peixe. É a falta de peixe durante oitenta dias que obriga Santiago a uma aventura arriscada. É a falta de peixe que motiva Guma a tentar, em vão, driblar tempestades. É a falta do cachalote que leva Acab a procurá-lo até a exaustão. É a própria falta de peixe que ocupa grande parte da conversa dos pescadores artesanais do Nordeste empenhados em analisar as causas: ventos fortes, chuvas torrenciais, poluição. E esta falta se revela ser o próprio motor de sua valorização.